

***Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009**

***Bullying* in Brazilian schools:
results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009**

Deborah Carvalho Malta¹
Marta Angélica Iossi Silva²
Flavia Carvalho Malta de Mello²
Rosane Aparecida Monteiro³
Luciana Monteiro Vasconcelos Sardinha¹
Claudio Crespo⁴
Mércia Gomes Oliveira de Carvalho¹
Marta Maria Alves da Silva¹
Denise Lopes Porto⁵

Abstract *The aim of this study is to identify and describe the occurrence of bullying among students in the 9th year (8th grade) from public and private schools from 26 Brazilian state capitals and the Federal District. It is a cross-sectional study involving 60,973 students and 1,453 public and private schools. Data analysis indicates that 5.4% (IC95%: 5.1%-5.7%) of students reported having suffered bullying almost always or always in the last 30 days, 25.4% (IC95%: 24.8%-26.0%) were rarely or sometimes the victim of bullying and 69.2% (IC95%: 68.5%-69.8%) of students felt no humiliation or provocation at school. The capital with higher frequency of bullying was Belo Horizonte (6.9%; IC95%: 5.9%-7.9%), Minas Gerais, and the lowest was Palmas (3.5%; IC95%: 2.6%-4.5%), Tocantins. Boys reported more bullying (6.0%; IC95%: 5.5%-6.5%) compared with girls (4.8%; IC95%: 4.4%-5.3%). There was no difference between public schools 5.5% (IC95%: 5.1%-5.8%) and private (5.2%) (IC95%: 4.6%-5.8%), except in Aracaju, Sergipe, that show more bullying in private schools. The findings indicate an urgent need for intersectoral action from educational policies and practices that enforce the reduction and prevention of the occurrence of bullying in schools in Brazil.*

Key words *Bullying Violence, Adolescent, School, Epidemiology descriptive*

Resumo *O objetivo deste estudo é identificar e descrever a ocorrência do bullying, episódios de humilhação ou provocação perpetrados pelos colegas da escola, entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Trata-se de estudo transversal feito com 60.973 escolares de 1.453 escolas públicas e privadas. A análise dos dados aponta que 5,4% (IC95%: 5,1%-5,7%) dos estudantes relataram ter sofrido bullying quase sempre ou sempre nos últimos 30 dias, 25,4% (IC95%: 24,8%-26,0%) foram raramente ou às vezes vítimas de bullying e 69,2% (IC95%: 68,5%-69,8%) não sentiram nenhuma humilhação ou provocação (bullying). A capital com maior frequência de bullying foi Belo Horizonte-MG (6,9%; IC95%: 5,9%-7,9) e a menor foi Palmas-TO (3,5%; IC95%: 2,6%-4,5%). Meninos relatam mais bullying (6,0%; IC95%: 5,5%-6,5%) do que meninas (4,8%; IC95%: 4,4%-5,3%). Não houve diferença entre escolas públicas (5,5%; IC95%: 5,1%-5,8%) e privadas (5,2%; IC95%: 4,6%-5,8%), exceto em Aracaju-SE, onde foi registrada maior ocorrência de bullying em escolas privadas. Os dados mostram urgente necessidade de ações intersetoriais a partir de políticas e práticas educativas que efetivem redução e prevenção da ocorrência do bullying nas escolas.*

Palavras-chave *Bullying Violência, Adolescência, Instituições acadêmicas, Epidemiologia descritiva*

¹ Coordenação Geral de Doenças e Agravos Não Transmissíveis, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde. SAF Sul, trecho 02, lotes 05 e 06, bloco F, torre I, Edifício Premium, térreo, sala 14. 70070-600 Brasília DF. deborah.malta@saude.gov.br

² Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

³ Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁵ Departamento de Análise de Situação de Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde.

Introdução

As diferentes manifestações de violência urbana têm importância crescente na sociedade brasileira. Por se caracterizarem como um fato social que abrange a sociedade como um todo, acabam por atingir também o espaço escolar e se expressando no seu cotidiano por meio de preconceitos, intolerâncias e outras expressões. A violência atinge os territórios do entorno da escola e, por extensão, também se estende para dentro da escola em proporções crescentes¹.

Na realidade brasileira, as relações estabelecidas na comunidade escolar no desenvolvimento das atividades pedagógicas estão permeadas, de modo contundente ou sutil, por variadas formas de violência, reproduzindo a vida social extramuro escolar. A violência escolar tem suscitado investigações não apenas em razão da contradição que ela representa em relação à missão educativa da escola, mas também pelas consequências a longo prazo que dela podem decorrer¹.

Explicar as causas da violência na escola relacionando-a apenas à desigualdade social e à frustração de expectativas de ascensão e consumo é insuficiente, considerando que a violência também tem crescido em instituições privadas de ensino¹.

No contexto escolar, considera-se que existe tanto a violência na escola como a da escola. A primeira se refere às violências produzidas fora da escola e que atravessam seus muros. A segunda se refere às práticas efetivadas pelos próprios atores escolares, engendrada nas especificidades das relações escolares² como agressões morais, psicológicas e físicas; discriminações racial, de gênero, política e de opção sexual; incentivo e reforço a estereótipos; institucionalização de avaliações predominantemente ou apenas quantitativas e com estímulo à mera competição; depredações do prédio e dos equipamentos escolares^{2,3}.

O *bullying* (do inglês *bully* = valentão, brigaço; termo sem tradução adequada em português) compreende comportamentos com diversos níveis de violência que vão desde chateações inoportunas ou hostis até fatos francamente agressivos, em forma verbal ou não, intencionais e repetidos, sem motivação aparente, provocados por um ou mais estudantes em relação a outros, causando dor, angústia, exclusão, humilhação e discriminação, por exemplo⁴. Trata-se de situações em que se constatam relações de poder assimétricas entre agente(s) e vítima(s), esta(s) apresentando dificuldade de se defender(em). Na literatura especializada, ado-

ta-se também o termo de vitimização. Este tipo de atitude deve ser identificado como violência pela comunidade escolar e ser trabalhado para a construção de um ambiente saudável⁵.

No Brasil, diversas palavras e expressões tem sentido equivalentes ao *bullying* como zoar, intimidar, humilhar, ameaçar, excluir, difamar e tantas outras⁶. Tal comportamento se manifesta também por atos repetidos de opressão, discriminação, intimidação, xingamentos, chacotas, tirania, agressão a pessoas ou grupos. Nesse sentido, dada a sua relevância social, o número de pesquisas sobre o tema vem crescendo em todo o mundo nos últimos vinte anos^{7,8}.

Compreender as formas como a violência se apresenta no âmbito escolar é um grande desafio a ser enfrentado pelos gestores, pais e educadores. Essas informações podem ajudar no enfrentamento desse grave problema e na busca de um agir educativo⁹. Portanto, torna-se importante realizar pesquisas e monitoramentos que permitam definir sua incidência, as situações violentas mais frequentemente vividas pelos estudantes, suas prováveis causas e as intervenções realizadas, desde o nível macro, das políticas públicas, até o âmbito escolar¹.

No Brasil, os estudos são recentes, motivo pelo qual a maioria dos brasileiros desconhece o tema, sua gravidade e abrangência^{10,11}.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) realizou inquéritos transversais com a população escolar, como o Health Behaviour in School-aged Children (HBSC)¹², em mais de quarenta países, pesquisando situações sobre a saúde dos adolescentes e incluindo temas como a violência. Entre adolescentes de 13 anos, 14% referiram já ter sofrido *bullying* nos últimos dois meses.

A necessidade de se conhecer e estudar esse fenômeno dentro da escola se reforça na medida em que a contínua exposição ao *bullying* nos seus mais variados tipos, pode acarretar às vítimas problemas comportamentais e emocionais, destacando-se o estresse, a diminuição ou perda da autoestima, a ansiedade e depressão, o baixo rendimento escolar e até mesmo, em casos mais severos, o suicídio¹³⁻¹⁵.

Nesse sentido, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2009¹⁶, vem contribuir para aclarar esse cenário na medida em que tomou situações de violência vividas e percebidas por estudantes adolescentes como tema de investigação. Seus resultados podem contribuir para melhor compreensão desse fenômeno e apoiar as tomadas de decisão visando a sua prevenção.

O objetivo do presente estudo é identificar e descrever a ocorrência do **bullying** entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal.

Métodos

Trata-se de um estudo transversal descritivo, com dados derivados de um inquérito epidemiológico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde. A PeNSE envolveu escolares do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, entre março e junho de 2009.

A escolha do 9º ano do ensino fundamental teve como justificativa o mínimo de escolarização necessária para responder a questionário autoaplicável e também a proximidade da idade de referência preconizada pela OMS¹², que é de 13 a 15 anos.

A amostra por conglomerados em dois estágios utilizou os dados do cadastro do Censo Escolar de 2007¹⁶. No primeiro estágio, foi feita a seleção das escolas e, no segundo, a seleção das turmas, entrevistando todos os estudantes dentre as selecionadas¹⁶. A amostra foi calculada para fornecer estimativas de proporções (ou prevalências) de algumas características de interesse, em cada um dos estratos geográficos (as 26 capitais dos estados e o Distrito Federal), com um erro máximo de 3% e nível de confiança de 95%¹⁶.

A coleta dos dados foi feita com todos os estudantes das turmas selecionadas por meio de um questionário autoaplicável que versava sobre módulos temáticos acerca de diversos fatores de risco e proteção como: alimentação saudável, atividade física, uso de tabaco, álcool e outras drogas, acidentes de trânsito, violência, dentre outros. Para isto utilizou-se um computador de uso manual (Personal Digital Assistant – PDA).

O instrumento foi criado a partir de inquéritos internacionais da OMS¹², e foram realizados pré-testes em oito escolas (públicas e privadas) para adaptação à realidade nacional¹⁶. Os resultados dos pré-testes mostraram boa aceitação, compreensão das perguntas, habilidade no uso do equipamento e aceitação do escolar sobre a pesquisa e a utilização do PDA¹⁶.

Neste artigo foram analisadas situações de **bullying** envolvendo adolescentes a partir da seguinte pergunta do questionário: “Nos últimos trinta dias, com que frequência algum dos seus

colegas de escola te esculacharam, zoaram, man-garam, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado/incomodado/aborrecido?”

A variável “ter sofrido **bullying** em nenhum momento, raramente ou às vezes; quase sempre ou sempre” foi descrita segundo idade, sexo, cor/raça, escolaridade materna, com quem reside, local (capitais) e dependência administrativa da escola (pública ou privada). São apresentadas as prevalências (proporções) e seus respectivos intervalos de 95% de confiança (IC95%).

A variável **bullying** foi apresentada segundo três opções de resposta no questionário: não sofrer nenhum episódio de **bullying** (ou não sofrer **bullying**); sofrer **bullying** raramente ou às vezes (ou raramente); sofrer **bullying** quase sempre ou sempre (ou sempre). Observa-se que todos são referentes aos últimos trinta dias e que a última opção é a que melhor caracteriza ter-se sofrido episódios de **bullying** em razão da maior frequência de relato do evento.

As variáveis idade, sexo, escolaridade materna, com quem reside e raça/cor foram informadas pelos estudantes. Adotou-se a mesma classificação de cor/raça utilizada nas pesquisas domiciliares do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas quais o informante escolhe uma entre cinco opções: branca, preta, parda, amarela ou indígena¹⁶. Segundo os critérios do IBGE, o quesito é denominado de “cor ou raça” e não apenas de “cor” ou apenas de “raça”, porque as categorias que englobam podem ser entendidas pelo entrevistado de forma bastante diversa, tornando a questão complexa. Ou seja, envolve elementos de atribuição de “identidade” e de “percepção”.

Para análise dos dados, foi utilizado o Software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)¹⁷.

O estudo foi aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisas do Ministério da Saúde, sob a emenda nº 005/2009 referente ao Registro nº 11.537 do Conep/MS, em 10/06/2009. A sua realização foi precedida do contato com as Secretarias Estadual e Municipal de Educação e com a direção das escolas selecionadas em cada município.

Resultados

Foram incluídos na amostra estudantes de 1.453 escolas (2.175 turmas de 9º ano do ensino fundamental), nas quais havia 72.872 estudantes matriculados e 68.735 estudantes frequentavam a escola. Destes, 63.411 (92,3%) estavam presentes no dia da coleta de dados, totalizando 7,7% de

perdas nesse estágio. Foram ainda excluídos da amostra outros 501 estudantes por recusa e 1.937 estudantes por não preencherem a variável sexo. Finalmente, foram analisados dados referentes a 60.973 (88,7%) escolares, correspondendo a uma taxa de não resposta geral de 11,3%.

Na amostra de escolares estudada, 89% tinham idade entre 13 e 15 anos, 47,5% eram do sexo masculino e 52,5% do sexo feminino, sendo 20,8% estudantes de escolas privadas e 79,2% de escolas públicas (dados não apresentados)¹⁶.

A Tabela 1 descreve a amostra de estudantes conforme as variáveis independentes sexo, idade, faixa etária, cor/raça e escolaridade materna.

Quando se analisa a idade, não sofrer *bullying* é mais frequente entre adolescentes mais velhos: 15 anos (73,8%; IC95%: 72,4%-75,2%); 16 anos ou mais (74,8%; IC95%: 72,9%-76,5%), comparados com estudantes de 13 anos (65,3%; IC95%: 63,8%-66,7%). Nas demais opções, raramente e sempre sofrer *bullying* não há diferença estatisticamente significativa em relação à idade (Tabela 1).

Em relação à variável sexo, não sofrer *bullying* é mais frequente entre as meninas (70,9%; IC95%: 70,0%-71,7%) que entre os meninos (67,4%; IC95%: 66,4%-68,3%). Sempre sofrer *bullying* é mais frequente entre meninos (6,0%; IC95%: 5,5%-6,5%) do que entre meninas (4,8%; IC95%: 4,4%-5,3%).

Tabela 1. Frequência de *bullying* (% e IC95%)* entre escolares do 9º ano do ensino fundamental segundo idade, sexo, cor/raça, escolaridade materna, com quem reside. Capitais brasileiras e Distrito Federal, 2009.

	Sofreram ou não <i>bullying</i> na escola**								
	Não sofreu			Raramente			Sempre		
	%	IC 95%*		%	(IC95%)*		%	(IC95%)*	
	LI	LS	LI	LS	LI	LS	LI	LS	
Idade (anos)									
<13	67,5	61,9	72,6	24,2	20,0	28,9	8,3	5,2	13,1
13	65,3	63,8	66,7	29,5	28,1	30,9	5,3	4,6	6,0
14	68,2	67,2	69,2	26,2	25,3	27,2	5,6	5,1	6,1
15	73,8	72,4	75,2	21,4	20,1	22,7	4,8	4,2	5,5
16 ou mais	74,8	72,9	76,5	19,4	17,9	21,1	5,8	4,9	7,0
Sexo									
Masculino	67,4	66,4	68,3	26,6	25,7	27,5	6,0	5,5	6,5
Feminino	70,9	70,0	71,7	24,3	23,5	25,2	4,8	4,4	5,3
Cor/raça									
Branca	67,8	66,7	68,9	26,5	25,4	27,5	5,7	5,2	6,3
Parda	70,8	69,8	71,8	24,3	23,4	25,2	4,9	4,5	5,4
Preta	70,9	69,1	72,6	23,3	21,7	24,9	5,9	5,0	6,8
Amarela	64,6	61,1	68,1	29,6	26,3	33,1	5,8	4,4	7,6
Indígena	66,5	63,4	69,4	28,3	25,5	31,2	5,3	4,1	6,7
Escolaridade materna									
Nenhuma ou ensino fundamental incompleto	71,7	70,5	73,0	22,9	21,7	24,1	5,4	4,8	6,1
Ensino fundamental completo ou médio incompleto	68,9	67,1	70,6	25,9	24,3	27,6	5,2	4,5	6,1
Ensino médio completo ou superior incompleto	67,8	66,5	69,1	27,2	26,0	28,5	5,0	4,4	5,6
Ensino superior completo	65,0	63,4	66,6	29,0	27,5	30,6	5,9	5,1	6,8
Com quem reside									
Reside com pai e mãe	69,8	68,9	70,7	25,2	24,4	26,0	5,0	4,6	5,4
Somente mãe	68,2	67,0	69,4	25,8	24,7	26,9	6,0	5,4	6,7
Somente pai	68,3	65,2	71,3	26,6	23,8	29,6	5,1	3,9	6,6
Nem pai nem mãe	68,7	66,0	71,4	25,0	22,6	27,6	6,3	5,0	7,8

* Percentual ponderado para representar a população de escolares matriculados e frequentando o 9º ano do ensino fundamental em 2009.

IC95%: Intervalo de confiança de 95%; LI: limite inferior do intervalo de confiança de 95%; LS: limite superior do intervalo de confiança de 95%.

** Foram analisadas as opções de resposta da pergunta: Nos últimos 30 dias, com que frequência algum(ns) dos seus colegas de escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado/incomodado/aborrecido? Não sofrer *bullying* refere-se à opção de resposta "nenhuma vez"; Raramente: refere-se à opção de resposta "Raramente ou às vezes". Sempre: refere-se à opção de resposta "quase sempre ou sempre".

Para a variável cor/raça, não sofrer **bullying** é mais frequente na cor/raça parda (70,8%; IC95%: 69,8%-71,8%) e preta (70,9%; IC95%: 69,1%-72,6%) que entre brancos (67,8%; IC95%: 66,7%-68,9%), amarelos (64,6%; IC95%: 61,1%-68,1%) e indígenas (66,5%; IC95%: 63,4%-69,4%). Não há diferença significativa quanto à cor/raça em relação ao relato de sempre sofrer **bullying** (Tabela 1).

Para a variável escolaridade da mãe, não sofrer **bullying** é mais frequente entre adolescentes com mães com nenhuma escolaridade ou ensino fundamental incompleto (71,7%; IC95%: 70,5%-73,0%), seguindo-se os filhos com mães com ensino fundamental completo ou médio incompleto (68,9%; IC95%: 67,1%-70,6%), ensino médio completo e superior incompleto (67,8%; IC95%: 66,5%-69,1%); e por último, superior completo (65%; IC95%: 63,4%-66,6%). Para a ocorrência sempre sofrer **bullying** na escola, não houve diferença estatisticamente significativa (Tabela 1).

Os resultados nas capitais brasileiras revelaram que 69,2% dos estudantes não sofreram **bullying** (IC95%: 68,5%-69,8%); 25,4% raramente sofreram (IC95%: 24,8%-26,0%) e 5,4% sofreram sempre **bullying** (IC 95%: 5,1%-5,7%) (Tabela 2).

Houve variação regional. Não sofrer **bullying** na escola foi mais frequente em Palmas-TO (73,8%; IC95%: 71,4%-76,2%), Belém-PA (73,3%; IC95%: 71,1%-75,4%) e Natal-RN (73,3%; IC95%: 71,5%-75,2%). Sofrer raramente foi mais frequente em Curitiba-PR (29,5%; IC95%: 27,5%-31,4%). A capital com maior frequência de **bullying** foi Belo Horizonte-MG (6,9%; IC95%: 5,9%-7,9%) e a menor foi Palmas-TO (3,5%; IC95%: 2,6%-4,5%).

Frequências maiores que a média das capitais de sempre sofrer **bullying** foram encontradas no sexo masculino no Distrito Federal (9,2%; IC95%: 7,5%-11%) e no sexo feminino em Belo Horizonte (6,6%; IC95%: 5,4%-7,9%). Menores frequências foram observadas entre meninas nas cidades de Palmas (2,4%; IC95%: 1,3%-3,4%), Cuiabá-MT (2,7%; IC95%: 1,6%-3,7%), Natal e Porto Velho-RO (ambas com 3,1%; IC95%: 2,0%-4,1%) (Gráfico 1).

O Gráfico 2 mostra a frequência de sempre sofrer-se **bullying** nas escolas públicas e privadas das capitais. Não houve diferença entre as escolas públicas (5,5%; IC95%: 5,1%-5,8%) e privadas (5,2%; IC95%: 4,6%-5,8%), exceto em Aracaju, onde foi registrada maior ocorrência de **bullying** nas escolas privadas (6,9%; IC95%: 5,0%-8,8%) do que nas públicas (3,5%; IC95%:

2,5%-4,5%). Frequências maiores do que a média das capitais de “sempre sofrer **bullying**” foram encontradas em escolas públicas em Belo Horizonte (7,1%; IC95%: 6,0%-8,2%); e frequências menores foram encontradas em Natal (3,1%; IC95%: 2,2%-4,1%), Aracaju (3,5%; IC95%: 2,5%-4,5%), Palmas (3,5%; IC95%: 2,5%-4,6%), Belém (3,8%; IC95%: 2,8%-4,7%) e Salvador-BA (4,1%; IC95%: 3,1%-5,1%). Nas escolas privadas, não foram identificadas variações em relação à média das capitais.

Discussão

Este é o primeiro estudo sobre **bullying** com dados de todas as capitais do país. O relato de ter sofrido **bullying** quase sempre ou sempre nos dois últimos meses foi feito por 5,4% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental que participaram do PeNSE. A maior frequência foi registrada nos meninos em comparação com as meninas; não houve diferença entre as escolas públicas e privadas, nem em relação à cor/raça, ou escolaridade materna. A cidade com maior frequência foi Belo Horizonte e a menor foi Palmas.

Os estudos sobre violência no âmbito escolar são recentes, e os primeiros datam da década de 1980. Entretanto, a preocupação sobre o tema tem aumentado nos últimos anos, despertando a atenção dos educadores, da sociedade e das famílias. A violência presente nas escolas refere-se a um fenômeno complexo e tem afetado a vida cotidiana, como uma ameaça diária à integridade física, psíquica e da dignidade humana. Além disso, as diferentes manifestações das violências no âmbito escolar vêm comprometendo ainda mais a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira¹⁸.

Segundo dados do Inquérito Viva – Vigilância de Violências e Acidentes – realizado pelo Ministério da Saúde nos anos de 2006 e 2007, a violência entre jovens é a maior causa de morbimortalidade nesta faixa, e os locais mais frequentes de ocorrência apontados no ano de 2007 foram a via pública, a residência e a escola¹⁹.

Sposito²⁰, em revisão da pesquisa brasileira sobre o tema da violência escolar, identificou dificuldades na aferição da magnitude do fenômeno, em razão de poucas iniciativas na coleta de informações, faltando consistência no monitoramento e registro das ocorrências. Diversos estudos têm identificado um crescimento na violência escolar nas últimas décadas, destacando-se ocorrências como depredação de patrimônio,

Tabela 2. Frequência de *bullying* (% e IC95%)* entre escolares do 9º ano do ensino fundamental, segundo capitais de estados e Distrito Federal, 2009.

Capital	Sofreram ou não <i>bullying</i> na escola**								
	Não sofreu			Raramente			Sempre		
	%	IC 95%*		%	(IC95%)*		%	(IC95%)*	
LI		LS	LI		LS	LI		LS	
Porto Velho	71,4	69,2	73,5	24,5	22,5	26,5	4,1	3,2	5,0
Rio Branco	69,3	66,9	71,6	25,0	22,9	27,1	5,8	4,6	6,9
Manaus	70,9	68,4	73,4	24,3	22,0	26,6	4,8	3,7	6,0
Boa Vista	70,3	68,0	72,6	23,2	21,1	25,2	6,5	5,3	7,7
Belém	73,3	71,1	75,4	22,5	20,6	24,5	4,2	3,3	5,1
Macapá	72,7	70,8	74,7	22,8	21,0	24,6	4,5	3,6	5,4
Palmas	73,8	71,4	76,2	22,7	20,5	24,9	3,5	2,6	4,5
São Luís	72,0	70,1	73,8	23,2	21,5	24,9	4,8	3,9	5,6
Teresina	69,2	67,1	71,3	26,0	24,1	27,9	4,8	3,9	5,7
Fortaleza	72,3	70,2	74,4	22,9	21,0	24,7	4,8	3,8	5,9
Natal	73,3	71,5	75,2	22,5	20,7	24,2	4,2	3,3	5,1
João Pessoa	67,8	65,6	70,0	26,7	24,6	28,7	5,5	4,5	6,6
Recife	69,9	67,9	71,8	24,4	22,6	26,3	5,7	4,7	6,7
Maceió	72,6	70,1	75,1	22,1	19,9	24,4	5,3	4,0	6,5
Aracaju	72,4	70,4	74,5	22,9	21,1	24,8	4,6	3,7	5,6
Salvador	72,8	70,8	74,9	23,0	21,1	24,9	4,2	3,2	5,1
Belo Horizonte	64,7	62,7	66,7	28,4	26,5	30,3	6,9	5,9	7,9
Vitória	66,7	64,5	68,9	27,7	25,7	29,8	5,6	4,5	6,6
Rio de Janeiro	69,4	67,6	71,3	25,0	23,3	26,7	5,6	4,7	6,5
São Paulo	68,4	66,5	70,3	26,0	24,2	27,8	5,6	4,7	6,6
Curitiba	64,8	62,7	66,9	29,5	27,5	31,4	5,7	4,7	6,7
Florianópolis	71,1	69,1	73,2	24,4	22,5	26,2	4,5	3,6	5,4
Porto Alegre	67,4	64,9	69,8	27,9	25,6	30,3	4,7	3,6	5,8
Campo Grande	68,7	66,5	70,8	26,0	24,0	28,0	5,4	4,3	6,4
Cuiabá	71,8	69,5	74,0	23,9	21,8	25,9	4,4	3,4	5,3
Goiânia	68,7	66,9	70,6	25,6	24,0	27,3	5,6	4,7	6,5
Distrito Federal	64,4	62,5	66,4	29,1	27,3	30,9	6,5	5,5	7,4
Total	69,2	68,5	69,8	25,4	24,8	26,0	5,4	5,1	5,7

* Percentual ponderado para representar a população de escolares matriculados e freqüentando o 9º ano do ensino fundamental em 2009.

IC95%: Intervalo de Confiança de 95%, LI: limite inferior do intervalo de confiança de 95%; LS: limite superior do intervalo de confiança de 95%.

Percentual de não informados = 2,2%

** Foram analisadas as opções de resposta da pergunta: Nos últimos 30 dias, com que frequência algum(ns) dos seus colegas de escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado/incomodado/aborrecido? Não sofrer *Bullying* refere-se à opção de resposta "nenhuma vez"; Raramente: refere-se à opção de resposta "Raramente ou às vezes"; Sempre: refere-se à opção de resposta "quase sempre ou sempre".

furtos, roubos, agressões físicas e verbais entre estudantes, assim como agressões destes últimos contra professores^{1,2,20,21}.

A partir da década de 1990, tem sido descrito o aumento da violência interpessoal entre estudantes, expressa, principalmente, em agressões verbais e ameaças, persistindo a depredação de patrimônio como uma transgressão frequente¹.

A violência nas escolas é um fenômeno complexo e múltiplo que necessita melhor compreensão de suas origens. O entorno e o ambiente

nas proximidades da escola sendo violentos aumentam os riscos de violência na escola.

A escola é um espaço que reflete as violências presentes na sociedade em geral e na comunidade onde se situa, mas a escola também favorece o aparecimento de violências². No espaço escolar podem ocorrer diversas manifestações, como a violência física; a simbólica ou institucional e as microviolências, caracterizadas por atos de incivilidade, humilhações, falta de respeito. Estes fenômenos combinam-se e se reforçam mutuamente²².

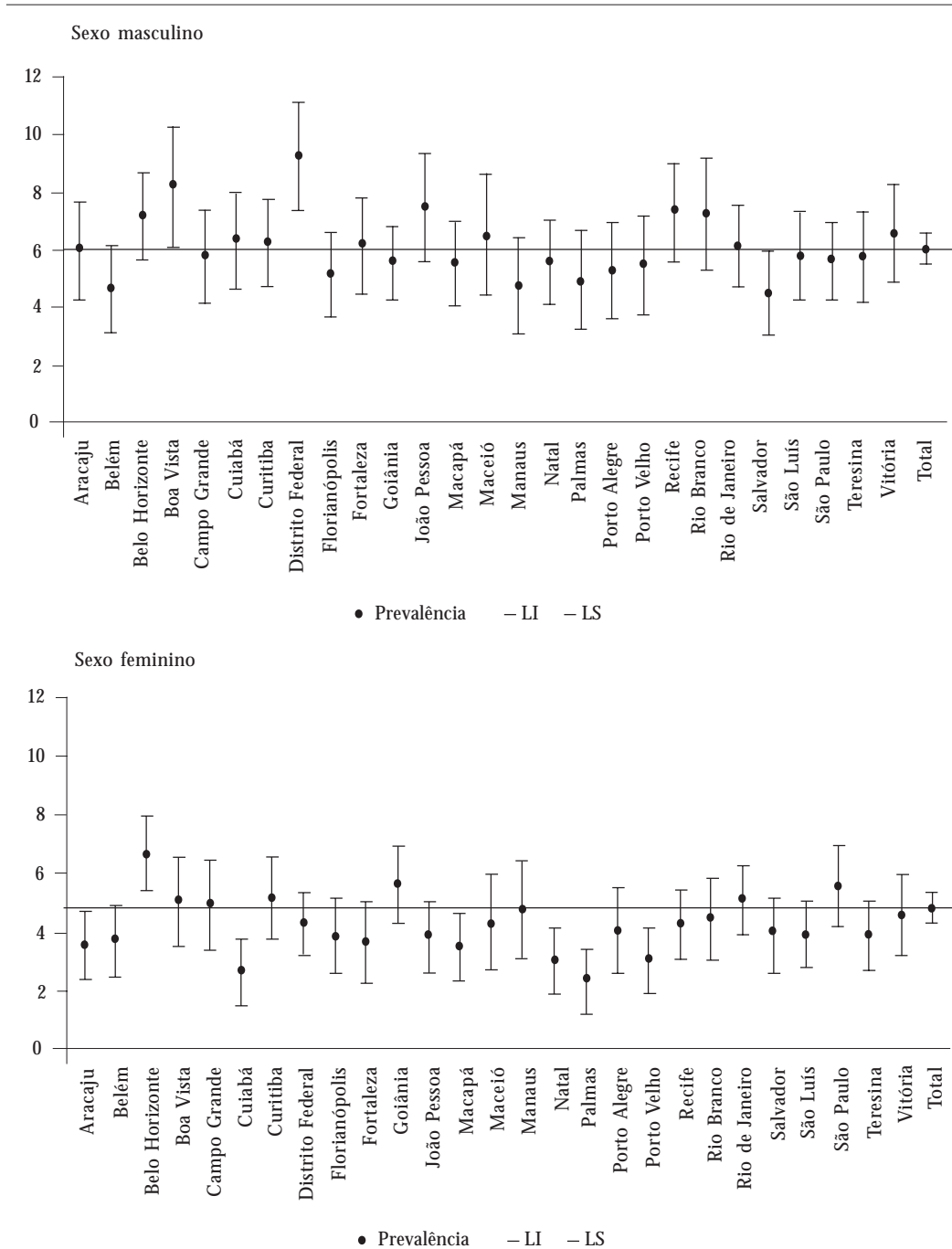


Gráfico 1. Frequência de *bullying* (% e IC95%*) entre escolares do 9º ano do ensino fundamental segundo sexo nas capitais de estados e Distrito Federal, 2009.

LI: limite inferior; LS: limite superior (intervalo de confiança de 95%);

Obs.: Linha média das capitais do Brasil.

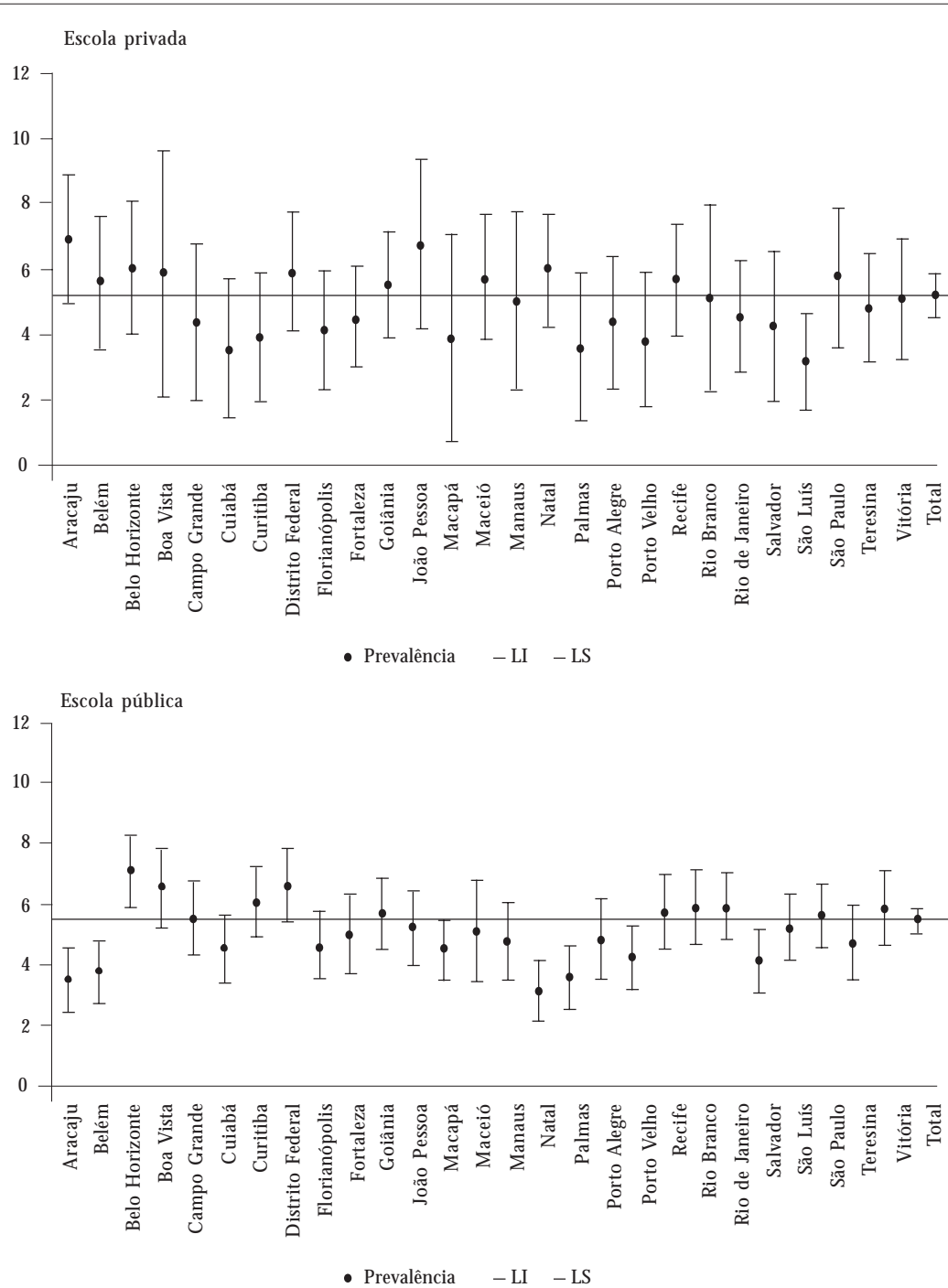


Gráfico 2. Frequência de *bullying* (% e IC95%)* entre escolares do 9º ano do ensino fundamental segundo escola pública ou privada, nas capitais de estados e Distrito Federal, 2009.

* LI: limite inferior; LS: limite superior (intervalo de confiança de 95%);

Obs.: Linha média das capitais do Brasil.

Em relação à pesquisa HBSC, a OMS identificou em média 14% **bullying** em adolescentes de 13 anos, embora existam grandes variações entre países, sendo a maior frequência na Lituânia (29%) e a menor na Suécia (4,5%)¹².

Fischer *et al.*²³ realizaram estudo no Brasil com amostra de 5.168 estudantes de 5ª a 8ª séries de escolas públicas e privadas nas cinco regiões do país, revelando que 12,5% dos estudantes haviam sido vítimas de **bullying** definido como ações de maus-tratos entre colegas ocorridas com frequência superior a três vezes naquele ano. Portanto, os dados nem sempre são comparáveis à pesquisa atual, seja pelas diferenças metodológicas, seja pelas perguntas diferentes nos questionários, tempo de recordação, amostras distintas, faixas etárias, dentre outros aspectos. No caso da pesquisa de Fischer *et al.*²³, trabalhou-se com relatos de três episódios ou mais no último ano; a pesquisa da OMS¹² utiliza os últimos dois meses e quantifica o número de eventos, contando a partir de dois ou mais eventos nos últimos dois meses. Para o questionário da PeNSE¹⁶, utilizou-se o último mês, visando reduzir o viés de recordatório e as opções de resposta como nenhuma vez, raramente e quase sempre ou sempre. Entretanto, mesmo com estas diferenças conclui-se que as ocorrências ocasionais (raramente ou às vezes) são relativamente frequentes (24,5%), e a humilhação que ocorre quase sempre ou sempre, e descreve como evento constante, é relatada em menor proporção (5,4%). Esses achados são compatíveis com os achados nacionais e internacionais.

A maior frequência de relato de **bullying** (quase sempre ou sempre) foi registrada entre estudantes do sexo masculino. Este mesmo resultado é descrito por outros estudos^{12,24-27} e compatível com os resultados da PeNSE¹⁶. Essa associação provavelmente se deve às diferenças que caracterizam o sexo masculino e o feminino, sobretudo refletindo as questões de gênero que permeiam os papéis sexuais esperados e legitimados pelo processo de socialização. Fundamenta-se em um modelo social machista, que é reproduzido no contexto escolar, no qual em sua maioria o sexo masculino está significativamente associado à vivência e expressão da agressividade²⁸. Outro ponto a ser considerado é o fato de que a identificação do **bullying** entre as meninas pode estar relacionada ao uso de formas mais sutis de humilhação, agressividade, ou intimidação²⁹.

Inquérito realizado entre adolescentes na Espanha²⁶ revelou que a frequência de **bullying** nos últimos dois meses foi maior entre estudantes mais novos, 29% entre 11 e 12 anos, 30% entre 13

e 14 anos, caindo para 27% entre 15 e 16 anos. No estudo da OMS, foi descrito como menos frequente entre adolescentes com 15 anos (10%), sobe para (14%) aos 13 anos e é mais frequente entre pré-adolescentes de 11 anos (15%)¹⁶. Outro estudo encontrou frequências de **bullying** entre adolescentes na faixa de 11 a 15 anos de idade e alocados na 6ª série do ensino fundamental²³. O atual estudo não conseguiu identificar esta tendência de aumento entre adolescentes mais novos, provavelmente por terem sido pesquisados estudantes da mesma série (9º ano do ensino fundamental), com idade mais homogênea, entre 13 e 15 anos. Os estudantes menores de 13 anos na amostra da PeNSE são um número muito pequeno, apresentando grande variabilidade nos intervalos de confiança, não mostrando diferenças estatisticamente significativas.

O estudo de Fischer *et al.*²³ não encontrou diferença de escolaridade entre os pais dos meninos que sofreram **bullying** o mesmo ocorreu no presente estudo. Este dado configura o fato de que o **bullying** permeia diferentes classes sociais e níveis culturais, não se restringindo ao estereótipo de que se trata de um fenômeno de classes sociais desfavorecidas.

A ocorrência do **bullying** tem sido demonstrada com maior frequência em minorias étnicas ou em populações etnicamente heterogêneas, a exemplo da composição das turmas escolares³⁰. No presente estudo, não foi identificada distinção entre cor/raça em relação a sofrer **bullying** frequentemente; entretanto, pretos e pardos relatam não sofrer **bullying** no último mês em maior proporção.

Fischer *et al.*²³ destacam o Sul e o Sudeste com as maiores frequências. No presente estudo, também foram identificadas diferenças regionais, destacando-se a maior frequência, em ambos os sexos, em Belo Horizonte (6,9%), e a menor frequência em Palmas (3,5%). Entre meninos destaca-se a maior frequência no Distrito Federal (9,2%), e entre meninas em Belo Horizonte (6,6%). A pesquisa atual não possibilita uma explicação para esse fenômeno, o que deverá ser aprofundado em outros estudos qualitativos.

A percepção de violência nos atos de **bullying** nem sempre está clara para os estudantes, sendo que muitas vezes eles não conseguem diferenciar os limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus-tratos violentos²³.

Dentre os limites do estudo, a PeNSE foi realizada em capitais, portanto a realidade de exposição aos episódios de **bullying** pode não corresponder ao encontrado em todo o país, em espe-

cial nas cidades do interior; além disto, refere-se a escolares de 9º ano, podendo haver outras diferenças em relação aos adolescentes em outras faixas etárias que não foram detectadas no atual estudo. Outras lacunas não foram abordadas na pesquisa, como por exemplo as motivações do **bullying**. Alguns estudos apontam que os agressores buscam a obtenção de popularidade entre os colegas, a necessidade de serem aceitos pelo grupo de referência ou de sentirem-se poderosos em relação aos demais. Deverá ser objeto de futuros estudos qualitativos a exploração dessas questões²³. O **cyberbullying** não foi abordado no questionário do estudante, apenas no questionário realizado com os diretores da escola na mesma pesquisa, e será objeto de análise futura. Esse formato de violência tem se tornado frequente e com grande possibilidade de disseminação pela Internet ou celulares, devendo ser objeto de outras investigações³¹. Recomenda-se a manutenção desse tema nas próximas edições da PeNSE, visando ao monitoramento desses eventos, bem como a avaliação da implantação de ações objetivando o seu controle.

Como consequência dessas ocorrências de maus-tratos entre colegas de escola, os estudos ressaltam os prejuízos sobre o processo de aprendizagem dos alunos e a insegurança na escola. É importante ressaltar que tanto vítimas quanto agressores perdem o interesse pelo ensino, não se sentem motivados a frequentar as aulas e não se sentem seguros na escola diante da ocorrência do **bullying**²³. Isto pode explicar em parte outro achado da PeNSE, que mostrou que 5,5% dos estudantes deixaram de ir à escola nos últimos trinta dias porque não se sentiam seguros na escola (dados não mostrados)¹⁶. Esse fato pode estar relacionado a uma limitação do presente estudo, uma vez que a ausência de estudantes na escola no dia da pesquisa pode estar associada à ocorrência do **bullying** o que possivelmente resulta na subestimação das medidas de frequência apresentadas.

Os dados do presente estudo corroboram achados de que a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um espaço de reprodução das violências da sociedade. Além da violência de “fora para dentro”, que diz respeito ao contexto social e às desigualdades, a violência é resultante de relações estabelecidas no interior dela própria como ação de seus agentes: professores, gestores, funcionários, estudantes. Enfim, “a escola pode ser vítima, mas também autora de processos violentos”^{2,3,21}.

Conclusão

O estudo possibilitou dimensionar a ocorrência do **bullying** entre adolescentes nas escolas das capitais brasileiras, revelando que o contexto escolar brasileiro também tem se constituído em um espaço de reprodução da violência.

Este tema é de extrema relevância no contexto atual das escolas, sendo urgente que medidas sejam efetivadas via políticas e práticas educativas que efetivem sua redução e sua prevenção. As escolas devem procurar identificar a ocorrência de **bullying** e outras formas de violência nas relações interpessoais, visando a sua eliminação. Devem ser incorporadas ações de prevenção e controle da violência. Nessa tarefa a escola necessita do apoio da comunidade, pais, sociedade civil, Secretarias de Educação, Saúde, dentre outras instituições.

Por se tratar de um fenômeno de numerosas interfaces e relevante importância para a saúde escolar e a saúde pública, áreas como a saúde e a educação, como práticas sociais, devem estabelecer no seu processo de trabalho – em conjunto com outras áreas e instituições – ações que potencializem a perspectiva interdisciplinar e intersetorial para o enfrentamento dessa problemática e para a consequente promoção da qualidade de vida individual e coletiva.

Colaboradores

DC Malta trabalhou na concepção e no delineamento do estudo, na análise e interpretação dos dados, redigiu a primeira versão do artigo, trabalhou na sua revisão crítica e aprovou a versão a ser publicada. MAI Silva, FCM Melo, RA Monteiro, DL Porto, MMA Silva e MGO Carvalho trabalharam na análise dos dados, na sua revisão crítica e aprovaram a versão a ser publicada. LMV Sardinha e C Crespo trabalharam na concepção e no delineamento do estudo, na sua revisão crítica e aprovaram a versão a ser publicada.

Referências

1. Leme MIS. A gestão da violência escolar. *Rev Diálogo Educ* 2009; 9(28):541-555.
2. Ristum M. Violência: uma forma de expressão da escola? *Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação* [periódico na Internet]. 2004; 2: 59-68. [acessado 2010 jun 23]. Disponível em: <http://www.uesb.br/editora/publicacoes/aprender/edicoes/Aprender%20n.%202.pdf>
3. Macedo RMA, Bonfim MCA. Violências na escola. *Rev Diálogo Educ* 2009; 9(28):605-618.
4. Silva ABB. *Mentes perigosas*. Rio de Janeiro: Fontanar; 2008.
5. Liberal EF, Aires RT, Aires MT, Osório AC. Escola segura. *Jornal de Pediatria* 2005; 81(Supl.5):155-163.
6. Brasil. Ministério da Educação. *Proteger para educar: a escola articulada com as redes de proteção de crianças e adolescentes*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; 2007.
7. Olweus D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge, MA, Blackwell; 1993.
8. Whitney I, Smith PK. A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research* 1993; 35(1):3-25.
9. Cunha JL, Pacheco CRC. Violência, cidadania e disciplinamento: controvérsias na escola. *Rev Diálogo Educ* 2009; 9(28):557-569.
10. Lopes Neto AA. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J Pediatr* [periódico na Internet]. 2005; 81(Supl.5):164-172. [acessado 2009 jun 01]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>.
11. Palácios M, Rego S. Mais uma epidemia invisível? *Rev Bras Educ Med* [periódico na Internet] 2006 [acessado 2009 jun 01]; 30(1):3-5. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v30n1/v30n1a01.pdf>
12. World Health Organization. Inequalities young people's health: key findings from the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) 2005/2006 survey fact sheet. Copenhagen: World Health Organization; 2008. [site da Internet]. [acessado 2010 abr 10]. Disponível em: http://www.euro.who.int/Document/Mediacentre/fs_hbsc_17june2008_e.pdf
13. Oliveira AS, Antônio PS. Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno *bullying* possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. *Revista Eletrônica de Enfermagem* 2006; 8(1):30-41. [periódico na Internet]. [acessado 2010 abr 10]. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/pdf/v8n1a05.pdf
14. Jankauskiene R, Kardelis K, Sukys S, Kardeliene L. Associations between school bullying and psychosocial factors. *Social Behavior and Personality* 2008; 36(2):145-162.
15. Boynton-Jarrett R, Ryan LM, Berkman LF, Wright RJ. Cumulative violence exposure and self-rated health: longitudinal study of adolescents in the United States. *Pediatrics* 2008; 122(5):961-970.
16. Brasil. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. PeNSE 2009. Rio de Janeiro: IBGE; 2009. [site da Internet]. [acessado 2010 abr 25]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/default.shtm>

17. Statistical Package for the Social Sciences for Windows Release 8.0.0. Chicago: SPSS Inc.; 1997. CD-ROM.
18. Eyng AM, Gisi ML, Ens RT. Violências nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. *Rev Diálogo Educ* 2009; 9(28):467-480.
19. Brasil. Ministério da Saúde. **Viva: vigilância de violências e acidentes, 2006 e 2007**. Brasília: Ministério da Saúde. 2009. (Série G. Estatística e Informação em Saúde).
20. Sposito M. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educ Pesq* 2001; 27(1):87-103.
21. Abramovay M, Rua MG. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco; 2002.
22. Abramovay M, Castro MG. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão Criança; 2006.
23. Fischer RM; Lorenzi GW; Pedreira LS; Bose M; Fante C; Berthoud C; Moraes EA; Puça F; Pancinha J; Costa MRRC; Vieira PF; Oliveira CPU. Relatório de pesquisa: **bullying** escolar no Brasil. Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) e Fundação Instituto de Administração (FIA). [site na Internet]. 2010 [acessado 2010 maio 16]. Disponível em: <http://catracalivre.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2010/03/Pesquisa-Bullying.pdf>
24. Blaya C. **Violência e maus-tratos em meio escolar**. Lisboa: Instituto Piaget; 2006.
25. Peguero AA. Bullying victimization and extracurricular activity. *Journal of School Violence* 2008; 7(3):71-85.
26. Rodríguez MCM, Tinoco MVM, Moreno PJP, Queija IS. Los adolescentes españoles y su salud: resumen del estudio Health Behaviour in School Aged Children (HBSC-2002). Madrid: Ministerio de Sanidad y Consumo, Universidad de Sevilla; 2005. [site da Internet]. [acessado 2009 nov 16]. Disponível em: http://www.hbsc.org/countries/downloads_countries/Spain/adolesResumen2005.pdf
27. Kim YS, Boyce WT, Koh YJ, Leventhal BL. Time trends, trajectories, and demographic predictors of bullying: a prospective study in Korean adolescents. *J Adolesc Health* 2009; 45(4):360-367.
28. Guimarães NM, Pasian SR. Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. *Psicol Estud* 2006; 11:89-97.
29. Pereira BO, Silva MAI, Nunes B. Descrever o **bullying** na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev Diálogo Educ* 2009; 9(28):455-466.
30. Vervoort MH, Scholte RH, Overbeek G. Bullying and victimization among adolescents: the role of ethnicity and ethnic composition of school class. *J Youth Adolesc* 2010; 39(1):1-11.
31. Amado J, Matos A, Pessoa T, Jäger T. Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. *Interações* 2009; 3:301-326.